

# **A influência das migrações internas na capacidade de reprodução das populações urbanas antes do acesso generalizado a métodos contraceptivos: um estudo de caso na cidade do Porto<sup>1</sup>**

Rui Leandro Maia<sup>2</sup>

## **Resumo**

A industrialização impulsionou as migrações internas de espaços rurais e periféricos para os grandes centros urbanos que, de dentro para fora, se foram continuamente alargando para lá das suas fronteiras administrativas, *grosso modo*, entre o século XIX e a actualidade, numa tempo – designado por Transição Demográfica – em que, justamente, se alteraram paradigmas comportamentais.

Contribuir para a reflexão sobre o papel que as migrações internas tiveram nas alterações que a Transição Demográfica registou em matéria de abaixamento da capacidade reprodutiva das populações urbanas e, por arrastamento, das populações nacionais antes do seu acesso generalizado a métodos contraceptivos é o propósito desta comunicação.

Quando estamos em presença de um número de casos numericamente expressivo, a abordagem microdemográfica permite perceber se os comportamentos se diferenciam em função do estabelecimento de determinadas categorias de análise: para o efeito, em relação aos que residem em espaço urbano, são os que aí nasceram e os que para aí migraram.

A partir de uma investigação que abrange, ente os séculos XVII e XX, diversas cidades portuguesas, são aqui apresentados indicadores referentes a uma paróquia da cidade do Porto, a do Bonfim, com associação de comportamentos entre a nupcialidade e a reprodução em função dos espaços de nascimento.

Os resultados alcançados são bem reveladores da importância que as migrações internas tiveram na redução da capacidade reprodutiva das populações.

## **1. Introdução**

Não é linear a relação entre abaixamento da capacidade reprodutiva das populações fixadas em espaços urbanos e utilização de métodos contraceptivos quanto, temporalmente, nos fixamos no período que transcorre uma parte do processo de Transição demográfica.

Para efeito dos resultados que, neste âmbito, se apresentam, observam-se percursos de famílias residentes na cidade do Porto cuja constituição por casamento ocorreu entre 1940 e 1969.

Fica desde logo uma impressão clara que apenas a análise de natureza micro permite criar: a de que não se pode fazer uma leitura linear de comportamentos das populações em meio urbano pois os mesmos em muito se diferenciam quando está presente a capacidade de os separar para analisar, dividindo-os, para perceber se as variáveis que,

---

<sup>1</sup> Comunicação no âmbito do Projecto "Espaços Urbanos: Dinâmicas Demográficas e Sociais (séculos XVII-XX)", com referência FCT PTDC/HIS-HIS/099228/2008, co-financiado pelo orçamento do programa COMPETE – Programa Operacional Factores de Competitividade, na sua componente FEDER, e pelo orçamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, na sua componente OE, apresentada no IX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE DEMOGRAFIA HISTÓRICA, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, na sessão SESIÓN 26: DINÁMICAS DEMOGRÁFICAS URBANAS Y MOBILIDAD CAMPO-CIUDAD EN LA PENÍNSULA IBÉRICA, SIGLOS XVII-XIX, 17, 18 e 19 de Junho de 2010, Organizada por Carlota Santos, Universidade do Minho, e por Isidro Dubert, Universidad de Santiago.

<sup>2</sup> CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar ESPAÇO, CULTURA E MEMÓRIA: Grupo de História das Populações – Universidade do Minho.

Professor Associado – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.

em hipótese, se seleccionam interferem realmente nos comportamentos que se pretende estudar.

É justamente com esta orientação que se quer perceber de que forma, ou com que intensidade, os espaços de origem daqueles que casaram e que vivem em meio urbano se relacionam, se é que se relacionam, com os comportamentos demográficos ao nível da reprodução.

A resposta a este desafio apenas se torna possível mediante a existência de um número significativo de famílias reconstituídas pelo casamento e continuamente observadas até ao fim do ciclo reprodutivo das mulheres.

Basicamente o que está em causa é perceber-se melhor o jogo de forças entre a capacidade reprodutiva das mulheres e as suas origens geográficas pelo que se pretendeu associar as variáveis migrações internas e reprodução a partir de uma outra variável: a nupcialidade.

A mudança de espaços rurais para a cidade, é de crer, comporta profundas alterações nos quotidianos dos seus protagonistas que se repercutem em questões de socialização, de trabalho e de estilos de vida.

Diversos estudos dão conta do que se passa ao nível dessas alterações em matéria de capacidade reprodutiva:

- Poderá existir uma relação próxima entre aquisição de *status* e diminuição de capacidade reprodutiva? É verdade que as mulheres drenavam dos espaços rurais para a cidade e aí permaneciam no exercício das mais diversas actividades que, no tempo, se foram diversificando, mudanças com grande impacto nas suas vidas pela autonomização que adquiriam tanto para si como para familiares directos que se quedavam nas terras de origem. Nas sociedades contemporâneas a procura de *status* e as exigências que, em expectativa e de facto, o mercado de trabalho impõe conduzem, com suporte familiar, a um retardamento cada vez mais evidente na opção pela maternidade (Kaplan 1996; Bonne and Kessler 1999).

A família, num processo que está socialmente generalizado, tende a investir na educação e na carreira dos filhos e isso tem profundas consequências demográficas. Mas a família terá tido também um papel relevante num tempo em que as preocupações de carreira e, bem assim, de educação não estavam tão presentes, sobretudo para as mulheres. A família – enquanto elemento de agregação de onde, pelos espaços rurais, saíam raparigas para trabalharem na cidade como criadas de servir ou nas fábricas e, alterando a sua condição de vida, autonomizando-se parcialmente, a ela continuavam ligadas, enviando algum dinheiro do pouco que ganhavam de forma a ajudarem no sustento colectivo – constitui por isso, ontem como no presente, factor preponderante no abaixamento da capacidade reprodutiva das populações, independentemente, como se verá, dos procedimentos adoptados estarem mais ou menos associados a questões de controlo voluntário dos nascimentos.

- O desenvolvimento urbano-industrial impeliu a mudanças nos comportamentos reprodutivos. Vários autores descrevem esta relação próxima entre transformações económicas e revolução demográfica (Maia 2003: 81-99; Oris 1996). Mas não está suficientemente clarificado qual o papel que, neste contexto, coube, e cabe, aos movimentos migratórios, provavelmente promotores de comportamentos diferenciados em matéria de nupcialidade e de fecundidade.

- Ao tocar a questão da generalização da contracepção, Michel (1983: 177-178) sugere que a sua adopção pelos grupos sociais de mais baixa condição provenientes dos meios rurais permitiu uma homogeneização de comportamentos nos meios urbanos, não no sentido de se tornarem por si sós equivalentes aos grupos sociais de alta condição, mas

antes por permitirem a estes, que no passado tinham menos filhos, poderem agora aumentar a reprodução.

No tempo que aqui se está a observar, esta tese não parecer ter sustentação plena. Na verdade podem as mulheres migrantes apresentar capacidade reprodutiva inferior à das mulheres naturais da cidade mas tal não dependerá no todo de umas adoptarem práticas contraceptivas e outras não. Coloca-se neste contexto ênfase numa conjugação de factores que podem explicar os indicadores adiante apresentados: a origem geográficas das mulheres e, também, dos homens que residem na cidade, as idades ao casamento e os filhos que têm. E conjugação passível de apresentar, entre factores, flutuações de ordem de importância ao longo das três décadas em observação.

- As evidências empíricas vão no sentido de demonstrar que a autonomização das mulheres pelo trabalho se traduz na redução da capacidade reprodutiva o que, levando em conta a observação de comportamentos em meio urbano, parece fazer todo o sentido (Abadian 1996; Oris 2003). A cidade constitui por referência, em comparação com os espaços rurais de onde são oriundas grande número de mulheres que aqui são observadas, espaço de grandes possibilidades em matéria de transformação de estilos de vida no que respeita a trabalho, a educação e a saúde reprodutiva. Espaço de possibilidade e de necessidade um vez que o modo de vida urbano também impele para a adopção de comportamentos restritivos em matérias relacionadas com o casamento e com a reprodução. Esta é de resto uma interdependência complexa já observada, num contexto de discussão da Transição Demográfica, noutras realidades (Ortis 1996: 181; Thomas and Price 1999).

## **2. Material e métodos**

A informação apresentada resulta do processo de reconstituição de famílias realizado nos arquivos paroquiais do Bonfim entre os anos de 1940 e 1969, para os casamentos, e os anos de 1940 e 1999 para os baptizados.

Os casais que, no limite, contraíram matrimónio em 1969 foram acompanhados por trinta anos o que permite, com segurança, afirmar que a observação fecha o ciclo reprodutivo.

A imensa quantidade de documentos impôs a escolha dos casamentos pela definição de uma amostra cuja opção de amostragem foi a selecção de um registo em cada três.

A partir dos registos de casamento fez-se o acompanhamento das famílias em termos de número de filhos nascidos no mesmo espaço paroquial.

Fez-se de seguida a opção por trabalhar apenas com os casos em que as famílias residiam, de facto, em espaço urbano na altura do casamento e aí permaneceram estabelecendo-se, para efeitos de análise de resultados, as seguintes tipologias:

Tipo 1: Homem e mulher naturais do Porto e aí residentes.

Tipo 2: Homem e mulher naturais de fora e residentes no Porto.

Tipo 3: Homem natural de fora e mulher natural do Porto, mas ambos residentes no Porto.

Tipo 4: Homem natural do Porto e mulher natural de fora, mas ambos residentes no Porto.

Ao longo dos trinta anos de observação foram acompanhados 2295 casais: 794 entre 1940-1949, 792 entre 1950-1959 e 709 entre 1960-1969. E desses casais estão registados 1314 baptizados: 415 entre 1940-1949, 480 entre 1950-1959 e 419 entre 1960-1969 (ver anexo I).

A reconstituição de famílias surge aqui como um processo passível de permitir avaliar o papel que as migrações internas tiveram, e podem ter, em matéria de redução da fecundidade, abordagem apenas passível de se realizar no plano micro, uma vez que as

características das fontes ditas oficiais não classificam, para as variáveis microdemográficas, os grupos segundo as respectivas origens geográficas.

As análises efectuadas, sempre na perspectiva de comparação de comportamentos entre naturais e migrantes residentes no espaço urbano, restringem-se, no caso das mulheres, aos primeiros casamentos e às tipologias de famílias descritas. E nesse sentido foram calculadas por décadas:

- As idades médias aos primeiros casamentos.
- As idades médias das mulheres ao nascimento dos filhos até ao limite de cinco.
- Os intervalos genésicos.
- As taxas de fecundidade por grupos de idades.
- O *Ratio* de Fecundidade Legítima Total, que corresponde ao número médio de filhos por mulher, de acordo com os valores encontrados nas taxas de fecundidade para os diversos grupos de idades. Trata-se, neste caso, de uma abordagem de aproximação, uma vez que aqui apenas foram usadas reconstituições feitas com os dados dos registos de casamento e dos registos de baptizados e que, portanto, na ausência dos dados dos registos de óbitos, as mesmas não são fechadas, assumindo-se, por isso, que os indicadores obtidos são apenas indicativos de tendência de comportamento.

### 3. Resultados

#### Idade média ao primeiro casamento

A idade média ao primeiro casamento das mulheres residentes na cidade em função das suas origens geográficas é sempre superior para as que para aí migraram. E praticamente não existem oscilações das diferenças ao longo das décadas em causa: se é verdade que, genericamente, entre 1940 e 1969, as mulheres tendem, em média, a casar mais cedo, também é verdade que as migrantes o fazem invariavelmente sempre mais de três anos após do que o fazem as naturais da cidade.

No início da observação as mulheres naturais da cidade casam em média aos 23,8 anos enquanto que as mulheres migrantes o fazem em média aos 27,3 anos. No final da observação os valores equivalentes são, respectivamente, 23,1 anos e 26,5 anos.

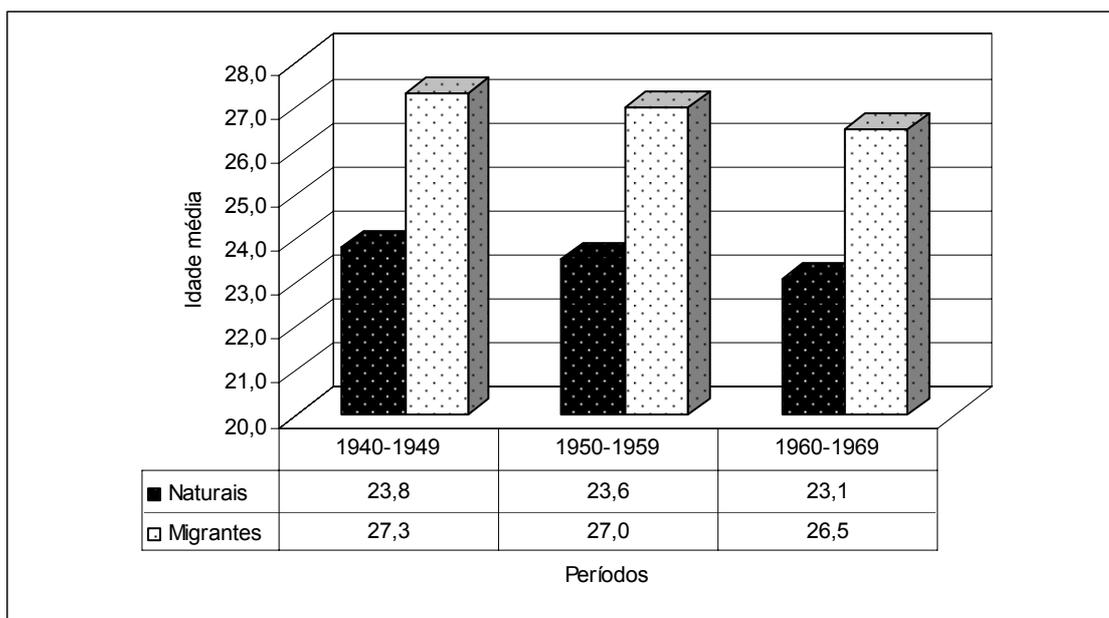


Fig. 1 – Idade média de mulheres ao primeiro casamento: naturais e migrantes residentes na cidade do Porto

Uma distribuição das idades médias ao primeiro casamento em função das tipologias de casamento em observação deixa perceber de uma forma muito clara a influência da origem geográfica agora, eventualmente, reforçada pela própria origem geográfica do cônjuge.

As idades médias ao primeiro casamento são sempre inferiores para as mulheres naturais da cidade (famílias Tipo 1 e Tipo 3), com reforço nas décadas de 1940-1949 e de 1960-1969 quando os homens são também daí naturais. Tal não se verifica, embora com diferença mínima, na década de 1950-1959.

As mulheres migrantes casam sempre, como se afirmou, mais tarde do que as mulheres naturais (famílias Tipo 2 e Tipo 4), com reforço quando o fazem com homens migrantes, nas décadas de 1940-1949 e de 1960-1969, embora tal não se verifique na década de 1950-1959 em que, casando embora com homens da cidade, fazem-no mais tarde do que casando com os demais.

Certo é que a condição de migrante tem implicações nas idades com que estas mulheres se casam. E isso tem que ver com um conjunto de razões já circunstanciadas (Maia 1003) muito associadas ao apoio de retaguarda que estas mulheres radicadas na cidade prestavam aos familiares que permaneciam nas terras de onde provinham e às dificuldades de terem meios materiais suficientes para se emanciparem.

As mulheres inseridas nas famílias Tipo 2 casam em média mais tarde 4,3 anos mais tarde do que as mulheres inseridas nas famílias Tipo 1, entre 1940-1949, 3,1 anos mais tarde, entre 1950-1959, e 4,0 anos mais tarde, entre 1960-1969. Como se verifica, as diferenças entre as idades médias ao primeiro casamento entre mulheres migrantes e mulheres naturais da cidade tendem a ampliar-se, com a exceção da segunda década, quando se equaciona a origem geográfica dos cônjuges.

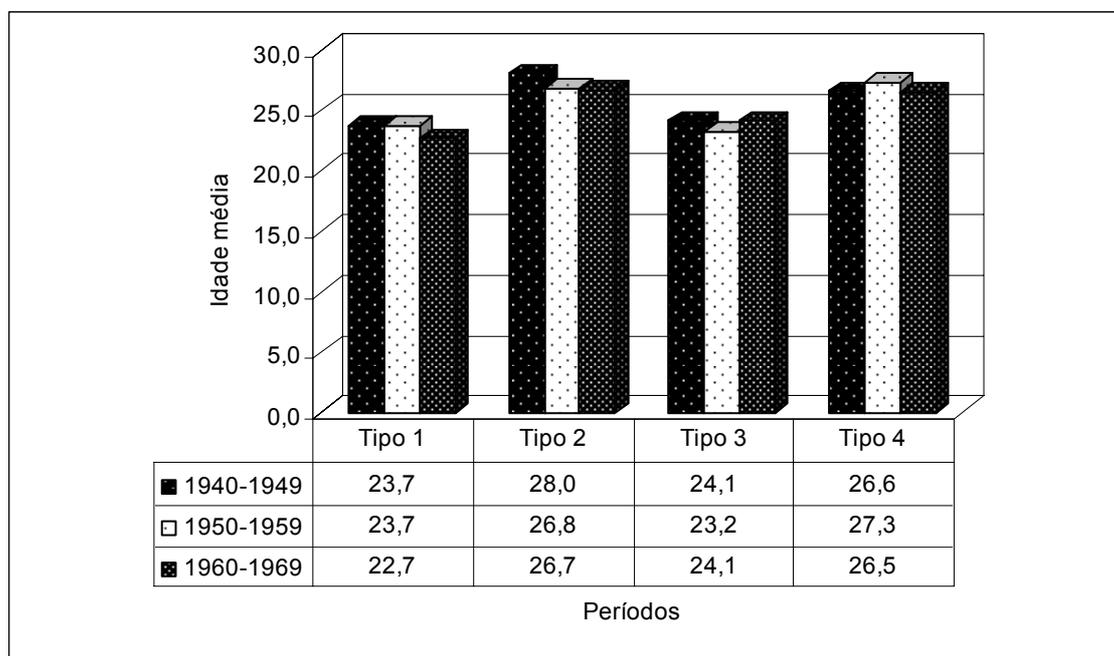


Fig. 2 – Idade média de mulheres ao primeiro casamento por tipologias de casamento: naturais e migrantes residentes na cidade do Porto

### Capacidade reprodutiva

A idade média ao primeiro casamento em função da origem geográfica das mulheres tem também, como seria de esperar, implicação na idade média ao nascimento dos filhos, para o efeito, aqui considerados até ao limite de cinco. São sempre as mulheres

migrantes que têm os filhos mais tarde, sendo que, face às mulheres naturais da cidade, vão aumentando à medida que estas têm mais filhos.

Percebe-se claramente, neste exercício embrionário, que existe uma relação próxima entre nupcialidade e reprodução que, embora com flutuações, é tendencialmente mais evidente na década de 1940-1949, mas que está presente em toda a observação.

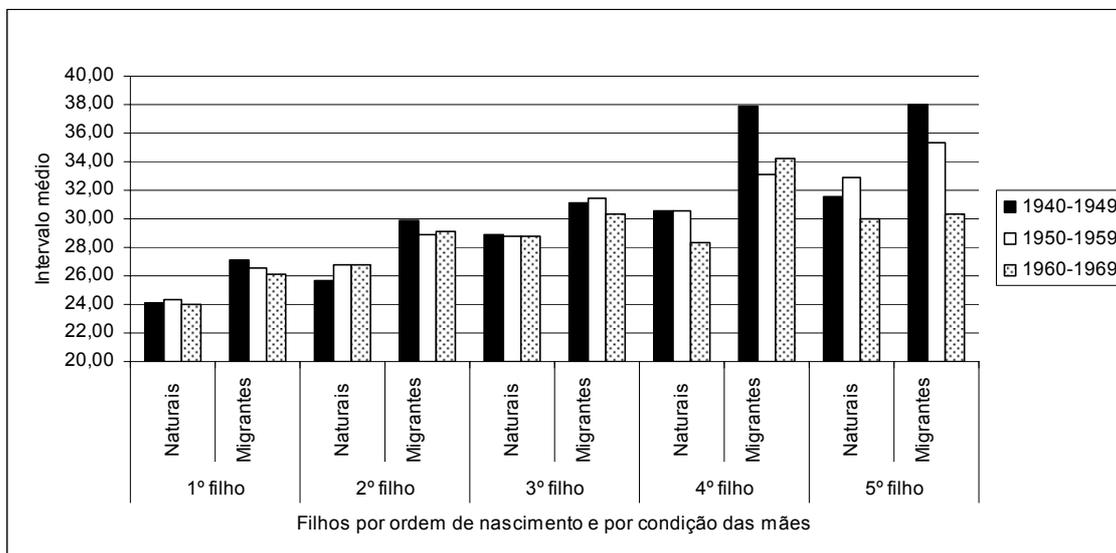


Fig. 3 – Idade média das mães ao nascimento dos filhos. Naturais da cidade ou migrantes: 1940-1969

As idades médias das mães ao nascimento dos filhos em função das respectivas origens geográficas dão conta de uma tendência invariável para ciclos reprodutivos mais curtos ao longo de toda a observação para as mulheres naturais da cidade que vão, é certo, aumentando com o número de filhos entre os cerca de 24,3 anos para o primeiro filho até aos cerca de 31,4 anos para o último filho. Para as mulheres migrantes as diferenças, com excepção do terceiro filho, tendem a aumentar com o número de filhos: estão entre os 25,6 anos para o primeiro filho e os 35,4 anos para o último filho.

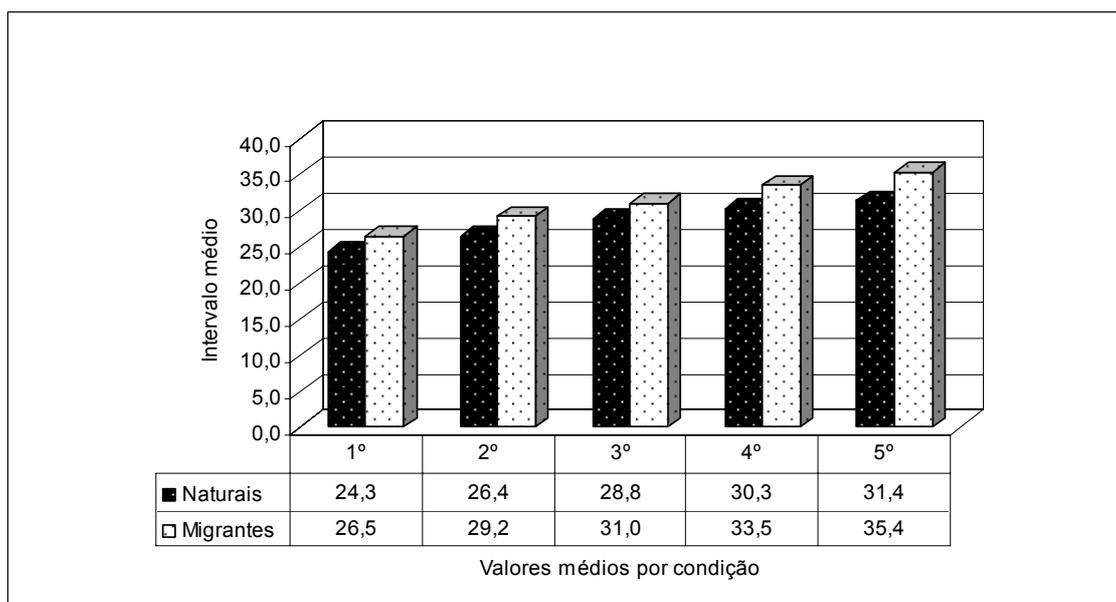


Fig. 4 – Idade média das mães ao nascimento dos filhos. Naturais da cidade ou migrantes: 1940-1969

### Intervalos intergenésicos

A par da idade média ao primeiro casamento e da idade média das mães ao nascimento dos filhos observa-se nesta análise um maior espaçamento nos intervalos genésicos para as mulheres migrantes por comparação às mulheres naturais da cidade.

Num desdobramento destas observações em função das tipologias de famílias, apresentam distinta condição as mulheres cujos maridos são também naturais da cidade e as mulheres cujos maridos são também migrantes (famílias Tipo 1 e famílias Tipo 2). Verificam-se algumas tendências dignas de registo com alterações entre décadas.

- Os intervalos protogenésicos nas primeiras duas décadas são superiores para as mulheres naturais da cidade: entre 1940 e 1949 é de 36,34 meses face a 25,99 meses para as mulheres migrantes; entre 1950 e 1959, mais baixo, é de 26,26 face a 25,37 meses: são agora as mulheres migrantes que têm, em média, mais tarde o primeiro filho: 25,41 meses face a 23,12 meses para as mulheres naturais da cidade. Esta inversão talvez se justifique, de forma conjugada, com o surto de *baby-boom* e, pelo lado das mulheres migrantes, com o maior acesso a métodos contraceptivos.

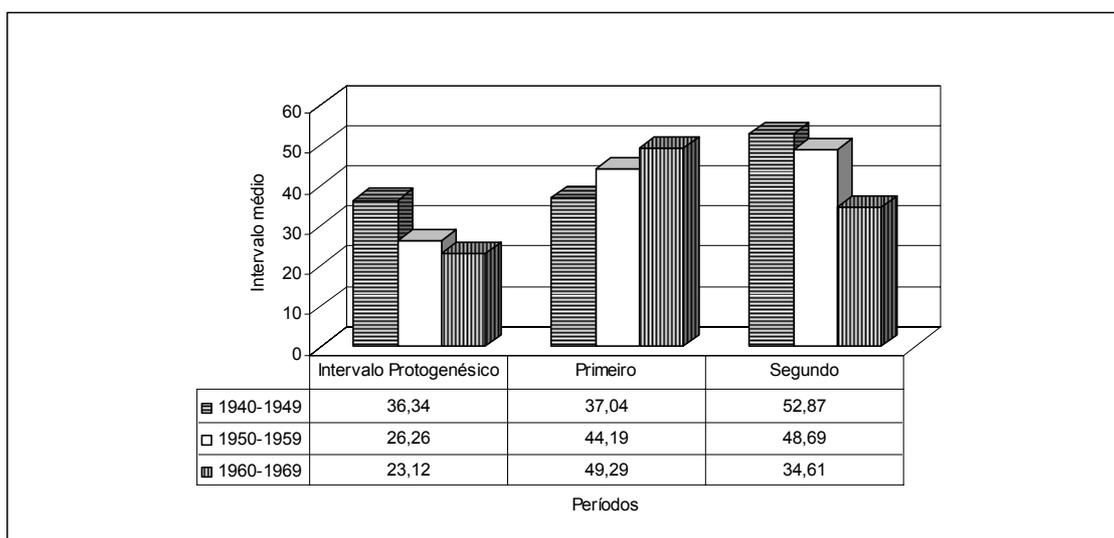


Fig. 5 – Intervalos entre nascimentos. Famílias Tipo 1: mulheres naturais da cidade casadas com homens naturais da cidade

Numa análise dos primeiro e segundo intervalos intergenésicos encontram-se algumas regularidades: as mulheres naturais da cidade, entre 1940 e 1949, apesar de, como se descreveu, terem o primeiro filho mais tarde, têm depois o segundo e o terceiro filhos mais cedo. No caso do segundo filho, correspondente ao primeiro intervalo intergenésico, o mesmo não se verifica nas décadas seguintes. Para o terceiro filho, tal situação verifica-se na década de 1950-1959 e inverte-se na década seguinte: são de novo as mulheres migrantes que, entre 1960 e 1969, têm mais tarde dos terceiros filhos (ver figuras 5 e 6).

Os valores descritos poderão estar associados a condições de vida diferenciadas entre mulheres migrantes e mulheres naturais da cidade.

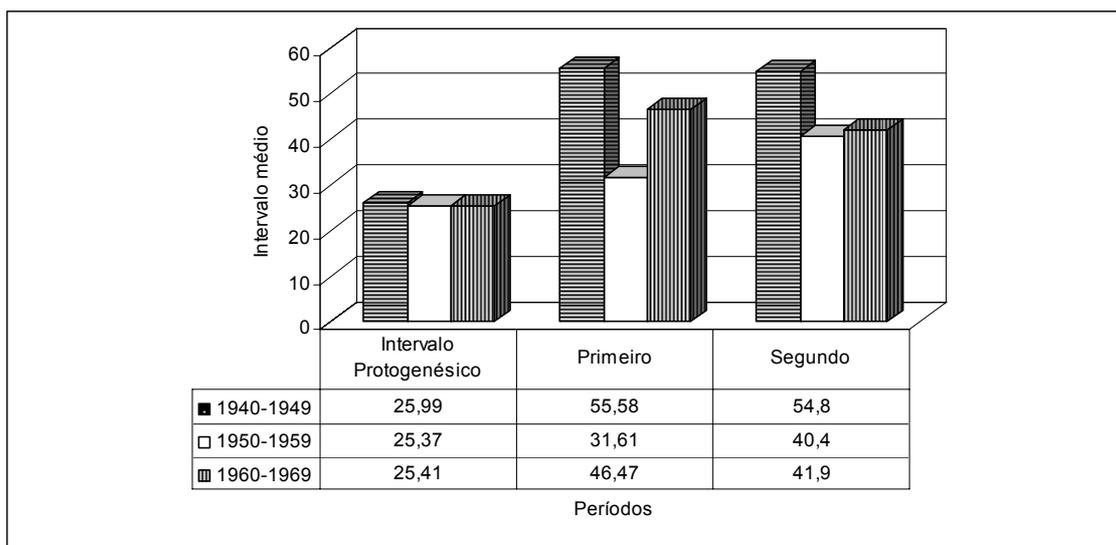


Fig. 6 – Intervalos entre nascimentos. Famílias Tipo 2: mulheres migrantes casadas com homens migrantes

### Taxas de fecundidade

A determinação das taxas de fecundidade por décadas deixa também perceber algumas tendências de diferenciação entre mulheres migrantes e mulheres naturais da cidade.

Verifica-se, antes de mais, que as mulheres migrantes dão conta de uma distribuição mais regular das taxas de fecundidade por grupos de idades, indicativa, pode afirmar-se, de comportamentos menos sujeitos a práticas contraceptivas.

As curvas de crescimento das taxas de fecundidade atingem valores máximos nos 20-24 anos (1940-1949) ou nos 25-29 anos (1950-1959 e 1960-1969) e decrescem gradativamente com a exceção da década de 1960-1969, em que se observa a tendência de recuperação entre o penúltimo e o último grupo de idades considerados.

Em relação às mulheres naturais da cidade, ao longo de toda a observação, as taxas de fecundidade por grupos de idades apresentam flutuações irregulares bem mais indicativas da prática deliberada de contraceção. Verifica-se particularmente a quebra de tendência de decréscimo entre os grupos de idades dos 25-29 anos e 30-34 anos. Entre eles as taxas de fecundidade sobem para qualquer década. Também para estas mulheres naturais da cidade está presente um aumento da capacidade reprodutiva entre o penúltimo e o último grupo de idades.

	<b>1940-49</b>				
	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39
Naturais	716	655	531	600	375
Migrantes	433	584	558	391	373
	<b>1950-59</b>				
	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39
Naturais	731	680	604	600	467
Migrantes	550	577	590	455	353
	<b>1960-69</b>				
	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39
Naturais	709	636	566	778	833
Migrantes	368	644	635	311	538

Quadro 1 – Taxas de fecundidade por grupos de idades e por origens geográficas das mulheres Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

Para a década de 1940-1949 a determinação das taxas de fecundidade por grupos de idades, em conformidade com o observado nos indicadores anteriores, exhibe valores

mais expressivos para as mulheres naturais da cidade por comparação às mulheres migrantes. Valores que apenas decrescem no grupo de idades de 25-29 anos e que coincidem no grupo 35-39 anos.

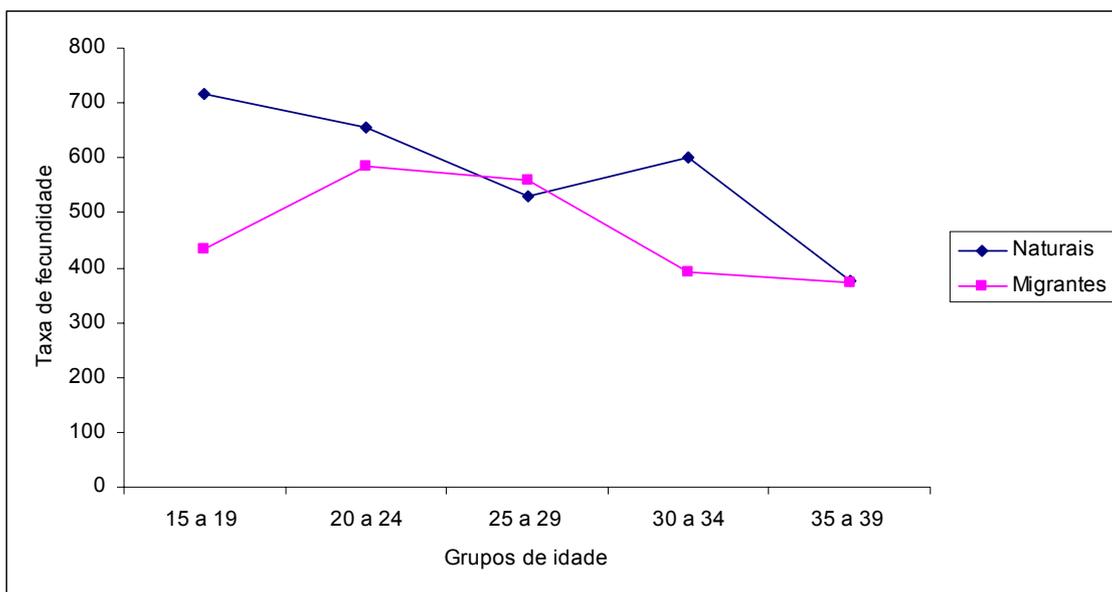


Fig. 7 – Fecundidade legítima por grupos de idades e por condição das mulheres: naturais da cidade ou migrantes. 1940-1949

Para a mesma década pondo apenas em evidência os comportamentos das mulheres segundo as famílias Tipo 1 e Tipo 2 verifica-se com maior nitidez as diferenças na distribuição de valores das taxas de fecundidade ao longo dos grupos idades das mulheres. São as mulheres naturais da cidade as que permanecem com as taxas de fecundidade mais altas havendo apenas uma inversão de tendência no último grupo de idades considerado: 35-39 anos.

O retardamento na idade média ao primeiro casamento destas mulheres migrantes parece ter repercussões na maior propensão para o número de filhos em idades mais avançadas. O que se compreende nomeadamente porque a idade mais avançadas corresponderão condições de maior estabilidade económica e social na cidade.

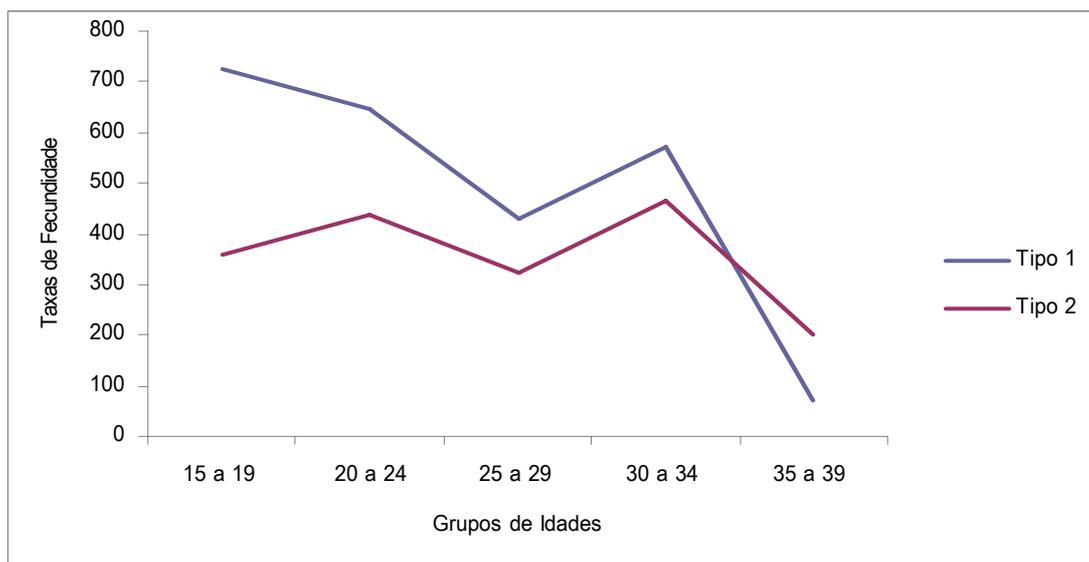


Fig. 8 – Taxas de Fecundidade por Grupos de Idades, 1940-1949

A mesma tendência está expressa na década de 1950-1959 com as mulheres naturais da cidade a apresentarem sempre taxas de fecundidades superiores às mulheres migrantes, embora quase iguais no grupo de idades de 25-29 anos.

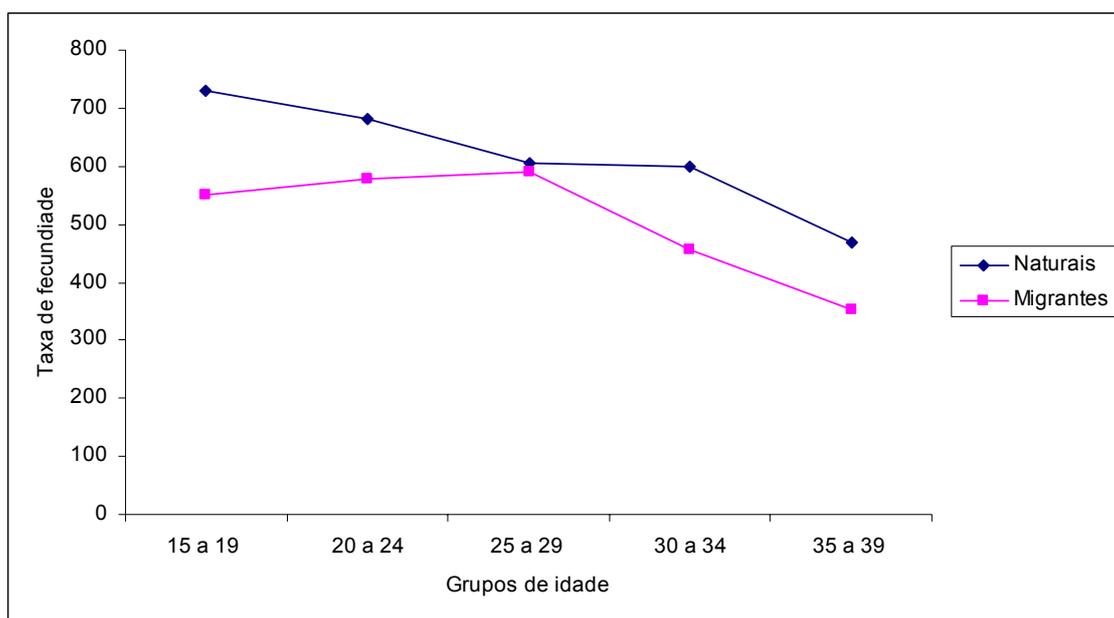


Fig. 9 – Fecundidade legítima por grupos de idades e por condição das mulheres: naturais da cidade ou migrantes. 1950-1959

Entre 1950-1959, para as mulheres integradas nas famílias Tipo 1 e Tipo 2, com exceção dos valores do primeiro grupo de idades, muito próximos, as taxas de fecundidade são sempre mais expressivas para as mulheres naturais da cidade em relação às das mulheres migrantes. Expressividade que amplia com o aumento das idades das mulheres aos nascimento dos filhos.

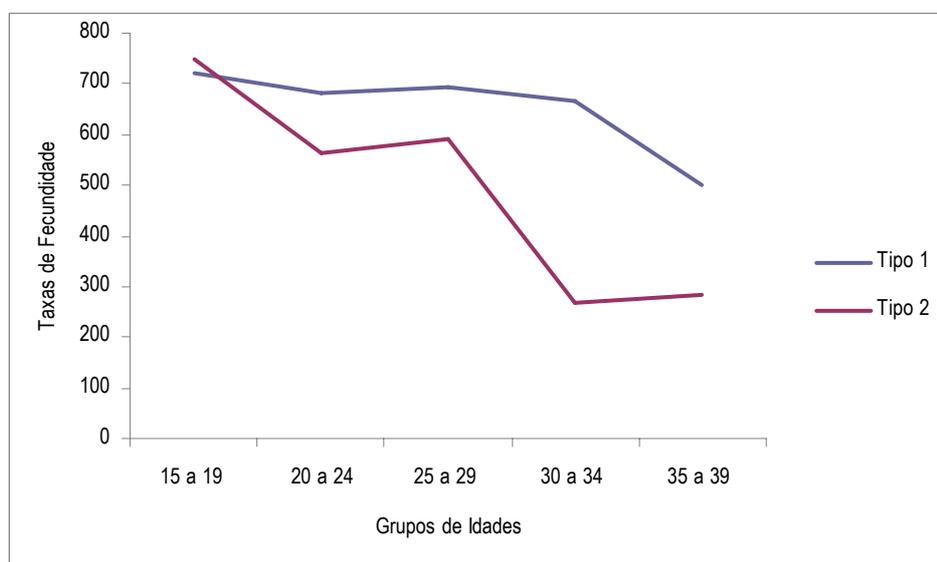


Fig. 10 – Taxas de Fecundidade por Grupos de Idades, 1950-1959

Na década de 1960-1969 a tendência mantém-se com as mulheres naturais da cidade a apresentarem taxas de fecundidade superiores às mulheres migrantes à exceção do grupos de idades 25-29 anos e ainda, o que é de realçar, com uma tendência de crescimento dos valores das taxas em função do aumento dos grupos de idades. Essa tendência é mais precoce nas mulheres naturais da cidade pois está presente em

crescimento continuado do grupo dos 25-29 anos para os grupos dos 30-34 anos e 35-39 anos, enquanto que nas mulheres migrantes está presente do grupo dos 30-34 anos para o grupo dos 35-39 anos.

A década de sessenta representa, de facto, uma marcada viragem em termos de comportamentos reprodutivos e deixa claro que os métodos contraceptivos estão presentes em relação às mulheres naturais da cidade como em relação às mulheres migrantes.

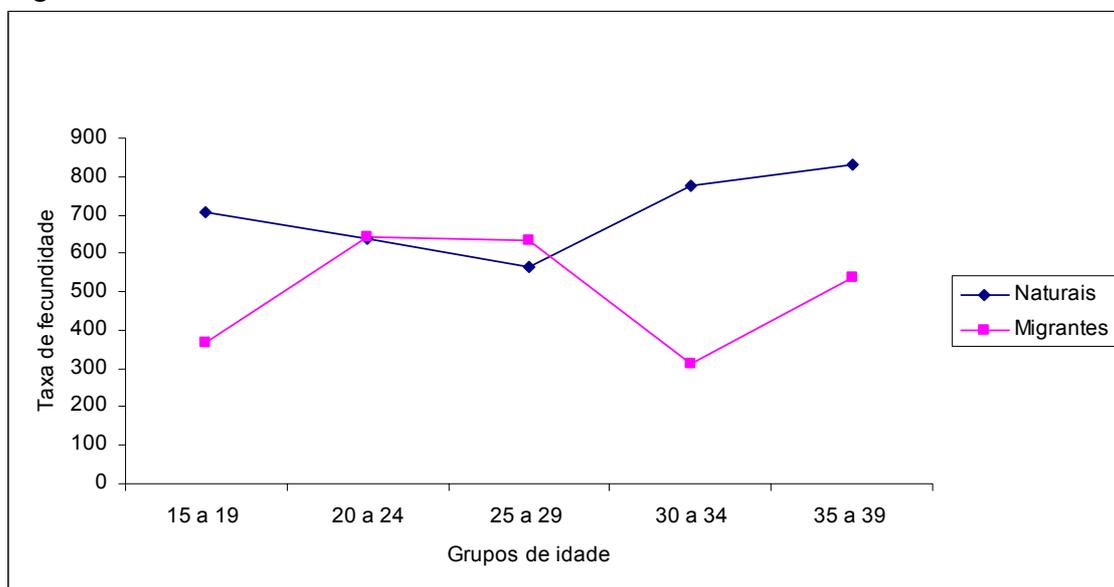


Fig. 11 – Fecundidade legítima por grupos de idades e por condição das mulheres: naturais da cidade ou migrantes, 1960-1969

Nesta década, quando confrontados as taxas de fecundidade apenas para as mulheres integradas nas famílias Tipo 1 e Tipo 2, não se verificam grandes diferenças em relação aos comportamentos globais de mulheres naturais da cidade e de mulheres migrantes. A tendência é exactamente coincidente e, pode afirmar-se, corrobora a tese da generalização dos métodos contraceptivos.

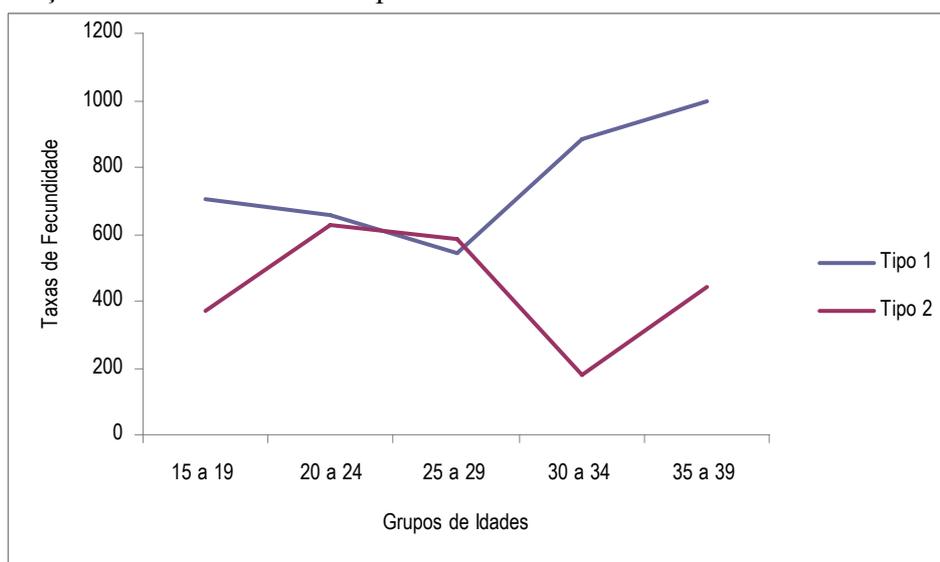


Fig. 12 – Taxas de Fecundidade por Grupos de Idades, 1960-1969

A projecção dos valores das taxas de fecundidade por décadas e por tipologias de famílias deixa perceber que nos anos 40 e nos anos 60 os valores da fecundidade foram tendencialmente mais baixos do que os dos anos 50, com excepção do último grupo de

idades, 35-39 anos, nos anos 60. Mas deixa perceber também que, exceptuando a mesma década e o mesmo grupo de idades, existe regularidade de comportamentos em relação as taxas de fecundidade mais baixas nas situações em que as mulheres são migrantes (famílias Tipo 2 e Tipo 4) por comparação às situações em que as mulheres são naturais da cidade (famílias Tipo 1 e Tipo 3).

Totais	1940-1949	1950-1959	1960-1969
Tipo 1	593	679	661
Tipo 2	367	506	497
Tipo 3	537	593	544
Tipo 4	496	560	593

Quadro 2 – Taxas de fecundidade por grupos de idades e por tipologias de famílias Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

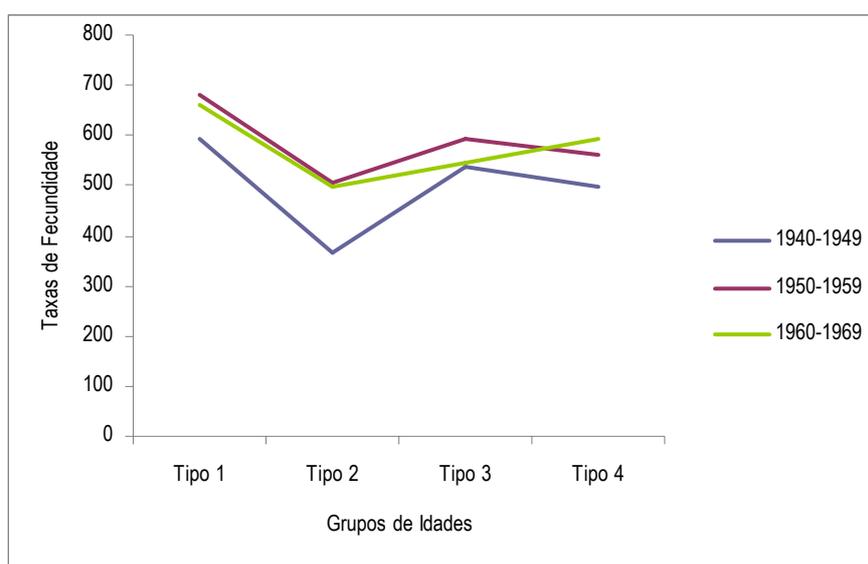


Fig. 13 – Taxas de Fecundidade Geral por décadas, 1940-49, 1950-59 e 1960-69.

### **Ratio de Fecundidade Legítima Total**

Reafirmando as tendências expressas pelas taxas de fecundidade por grupos de idades, o *Ratio de Fecundidade Legítima Total*, *RFLT*, é bem indicativo da diferente capacidade reprodutiva das mulheres residentes na cidade em função das suas origens geográficas (ver anexo I).

Como se percebe ao longo de toda a observação, a capacidade reprodutiva das mulheres naturais da cidade é superior à capacidade reprodutiva das mulheres migrantes, sofrendo embora, entre décadas, oscilações, e com contornos de paridade nos casos das famílias Tipo 3 e Tipo 4: é mínima na primeira década, que terá que ver com a conjuntura de restrição a que Portugal, como o mundo, esteve sujeito, e alonga-se na segunda e, sobretudo, na terceira décadas, nomeadamente quando se compara as mulheres naturais da cidade e as mulheres migrantes inseridas, respectivamente, nas famílias Tipo 1 e Tipo 2.<sup>3</sup>

A capacidade reprodutiva das mulheres naturais da cidade é superior em 1,5 filhos face à das mulheres migrantes, entre 1940-1949, em 4,2 filhos, entre 1950-1959, e em 6,2 filhos, entre 1960-1969.

<sup>3</sup> Em cada tipologia de família, foram consideradas as mulheres entre os 20 e os 39 anos.

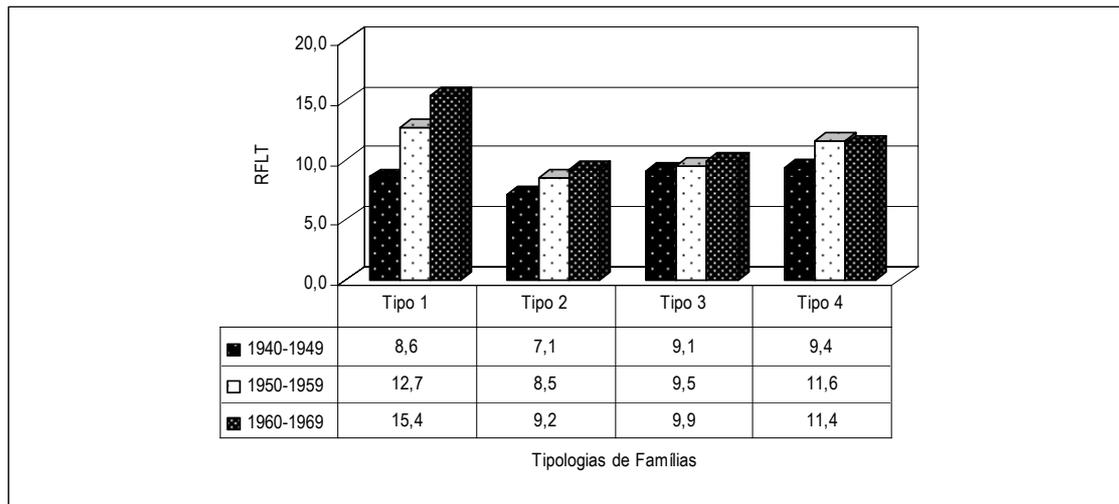


Fig. 14 – *Ratio de Fecundidade Legítima Total, 1940-1969*

Procurou-se ainda perceber se existe uma relação evidente entre a idade média ao primeiro casamento e o número médio de filhos segundo as tipologias de famílias consideradas ao longo das três décadas.

Entre 1940 e 1949 as mulheres que se casam mais cedo, que são naturais da cidade (famílias Tipo 1 e Tipo 3), têm em média mais filhos do que as que se casam mais tarde, que são as migrantes (famílias Tipo 2 e Tipo 4), embora, na associação de variáveis, apenas se verifique uma correlação estatisticamente significativa no caso das famílias Tipo 1 ( $p = 0,002$ ;  $R = - 0,217$ ) (ver anexo II).

Entre 1950 e 1959 esta associação volta a estar presente em relação às famílias Tipo 2, em que se inserem as mulheres migrantes, traduzindo-se numa relação inversa entre casamento tardio e menor número de filhos ( $p = 0,043$ ;  $R = - 0,229$ ). Embora seja de registar que, ao contrário do que se observa na década anterior, já não é linear essa relação evidente entre origem geográfica e número de filhos (ver anexo III).

Entre 1960 e 1969 essa relação verifica-se para as mulheres inseridas nas famílias Tipo 3 ( $p = 0,013$ ;  $R = - 0,313$ ) (ver anexo IV).

#### 4. Discussão e Conclusões

Dos resultados apresentados parece claro que existe uma relação evidente entre migrações, nupcialidade e capacidade reprodutiva.

É certo que os dados aqui analisados correspondem a um tempo em que o país já havia iniciado o processo de abaixamento da fecundidade que, com avanços e recuos, se assume na segunda metade do século XX.

Aqueles que casam mais tarde, que são os migrantes, têm menos filhos e têm-nos até mais tarde. Não se nega que neste processo complexo a contraceção não assuma a sua quota-parte, como parece claro sobretudo para os casais que se constituíram nos anos 60, embora o seu papel deva ser considerado, como outros estudos o demonstram (Maia 2003; Oris 1996; Oris 2003) em conjugação com o papel que a nupcialidade assume. Só assim se compreende que os comportamentos diferenciados se associem às tipologias de famílias por origens geográficas.

As mulheres migrantes casam, em média, mais de três anos após do que as mulheres naturais da cidade, com ampliação das diferenças quando as associamos a tipologias de famílias que consideram igualmente as origens geográficas dos cônjuges: famílias Tipo 1 e Tipo 2.

Talvez como resultado de uma maior dificuldade no acesso a métodos contraceptivos, de uma maior desconhecimento de métodos contraceptivos, para as mulheres migrantes, em comparação com as mulheres naturais da cidade, os intervalos protogenésicos são mais curtos mas, o que é curioso, os intervalos intergenésicos são mais alongados, o que se pode justificar pela maior dificuldade de sustentação dos progenitores em meio urbano, decorrente, nomeadamente, de uma maior dificuldade de acompanhamento familiar dado, a este nível, o estado de isolamento no apoio da retaguarda a que estas mulheres mais estavam sujeitas. As taxas de fecundidade e o *Ratio* de Fecundidade Legítima Total, *RFLT*, tendem, globalmente, a ser inferiores para as mulheres migrantes por comparação às mulheres naturais da cidade. E essa evidência está muito presente quando as mulheres se inserem nas famílias Tipo 1 e Tipo 2. A capacidade reprodutiva expressa no *RFLT* tende, pela condição de origem geográfica das mulheres, a alongar e a alongarem-se também as distâncias entre mulheres naturais das cidade e mulheres migrantes.

A década de sessenta regista, em qualquer situação, uma subida das taxas de fecundidade entre o penúltimo e o último grupo de idades considerados. As mulheres, em geral, casam mais cedo mas tendem a ter filhos até mais tarde.

Verifica-se ainda que, embora sem dimensão universal a todas as tipologias de famílias consideradas, ao longo de toda a observação está presente a relação entre idade média ao primeiro casamento das mulheres e o número médio de filhos, o que não deixa de ser curioso porque a observação, em matéria de registos de baptizados, se estende até ao final do século XX.

## Referências

ABADIAN, Sousan (1996) “Women’s autonomy and its impact on fertility”. In *World Development*, Vol. 24, n.º 12: 1793-1809.

BONNE, James L. and KESSLER, Karen L. (1999) “More Status or More Children? Social Status, Fertility Reduction, and Long-Term Fitness”. In *Evolution and Human Behaviour*, 20: 257-277.

KAPLAN, H. (1996) “A theory of fertility and parental investment in traditional and modern societies”. In *Year Book of Physical Anthropology*, 39: 91-135.

MAIA, Rui Leandro (2003) *O sentido das diferenças. Migrantes e naturais: observação de percursos de vida no Bonfim*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

MICHEL, Andrée (1983) *Sociologia da família e do casamento*. Porto: Rés-Editora.

ORIS, Michel (1996) “Fertility and migration in the heart of industrial revolution” In *The History of Family*, Vol. 1, n.º 2: 169-182.

ORIS, Michel (2003) “The history of migration as a chapter in the history of the European rural family: an overview” In *The History of Family*, n.º 8: 187-215.

THOMAS, Neil and PRICE, Neil (1999) “The role of development in global fertility decline” In *Futures* n.º 31: 779-802.

## Anexo I

		Taxas de Fecundidade Legítima e <i>Ratio</i> de Fecundidade Legítima Total									
Tipologia de Família		15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	Total	<i>RFLT</i>	<i>RFLT</i>
Tipo 1	1940-1949	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	<i>RFLT</i>
	Casamentos	95	145	70	21	14	4	2	351	Todas as	Limite:
	Nascimentos	69	94	30	12	1	1	1	208	idades	35 a 39 anos
	TFL	726	648	429	571	71	250	500	593	18,94	12,23
Tipo 2	1940-1949	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	14	48	40	28	10	8	2	150		
	Nascimentos	5	21	13	13	2	1	0	55		
	TFL	357	438	325	464	200	125	0	367	11,38	8,92
Tipo 3	1940-1949	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	33	68	35	17	5	0	4	162		
	Nascimentos	21	42	16	6	2	0	0	87		
	TFL	636	618	457	353	400	0	0	537	15,01	12,32
Tipo 4	1940-1949	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	15	51	32	19	9	3	2	131		
	Nascimentos	9	29	16	7	4	0	0	65		
	TFL	600	569	500	368	444	0	0	496	14,89	12,41
Tipo 1	1950-1959	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	65	172	62	21	10	2	1	333		
	Nascimentos	47	117	43	14	5	0	0	226		
	TFL	723	680	694	667	500	0	0	679	19,71	16,32
Tipo 2	1950-1959	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	8	62	54	15	7	7	3	156		
	Nascimentos	6	35	32	4	2	0	0	79		
	TFL	750	565	593	267	286	0	0	506	14,83	12,30
Tipo 3	1950-1959	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	41	67	34	15	3	2	0	162		
	Nascimentos	30	42	16	7	1	0	0	96		
	TFL	732	627	471	467	333	0	0	593	16,11	13,15
Tipo 4	1950-1959	19	24	29	34	39	44	49	Total	<i>RFLT</i>	
	Casamentos	9	59	40	15	8	7	3	141		
	Nascimentos	4	34	28	10	3	0	0	79		
	TFL	444	576	700	667	375	0	0	560	16,61	13,81

Tipologia de Família		15 a	20 a	25 a	30 a	35 a	40 a	45 a	Total	RFLT	
Tipo 1	1960-1969	19	24	29	34	39	44	49			
	Casamentos	78	141	48	17	4	3	1	292		
Tipo 1	Nascimentos	55	93	26	15	4	0	0	193		
	TFL	705	660	542	882	1000	0	0	661	22,25	18,94
Tipo 2	1960-1969	19	24	29	34	39	44	49			
	Casamentos	19	64	46	17	9	6	2	163		
Tipo 2	Nascimentos	7	40	27	3	4	0	0	81		
	TFL	368	625	587	176	444	0	0	497	13,49	11,01
Tipo 3	1960-1969	19	24	29	34	39	44	49			
	Casamentos	23	58	22	8	2	1	0	114		
Tipo 3	Nascimentos	16	30	10	4	1	1	0	62		
	TFL	696	517	455	500	500	1000	0	544	21,06	13,34
Tipo 4	1960-1969	19	24	29	34	39	44	49			
	Casamentos	10	68	27	24	2	6	3	140		
Tipo 4	Nascimentos	4	48	19	9	1	1	1	83		
	TFL	400	706	704	375	500	167	333	593	18,89	13,42

Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

## Anexo II Mulheres ao 1º casamento: 1940-1949

### Descriptive Statistics

Tipologia de Família		Mean	Std. Deviation	N
1	Idade ao Casamento	23,72	6,650	355
	Total de Filhos	2,43	1,824	208
2	Idade ao Casamento	28,04	8,448	155
	Total de Filhos	1,60	,830	55
3	Idade ao Casamento	24,14	5,932	162
	Total de Filhos	2,17	1,630	87
4	Idade ao Casamento	26,58	7,639	135
	Total de Filhos	1,80	1,175	65

Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

### Correlations

Tipologia de Família			Idade ao Casamento	Total de Filhos
1	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,217**
		Sig. (2-tailed)		,002
		Sum of Squares and Cross-products	15655,831	-379,692
		Covariance	44,226	-1,834
		N	355	208
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,217**	1
		Sig. (2-tailed)	,002	
		Sum of Squares and Cross-products	-379,692	688,918
		Covariance	-1,834	3,328
		N	208	208
2	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,136
		Sig. (2-tailed)		,321
		Sum of Squares and Cross-products	10991,768	-32,200
		Covariance	71,375	-,596
		N	155	55
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,136	1
		Sig. (2-tailed)	,321	
		Sum of Squares and Cross-products	-32,200	37,200
		Covariance	-,596	,689
		N	55	55
3	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,186
		Sig. (2-tailed)		,084
		Sum of Squares and Cross-products	5665,735	-115,862
		Covariance	35,191	-1,347
		N	162	87
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,186	1
		Sig. (2-tailed)	,084	
		Sum of Squares and Cross-products	-115,862	228,414
		Covariance	-1,347	2,656
		N	87	87
4	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,088
		Sig. (2-tailed)		,485
		Sum of Squares and Cross-products	7818,933	-34,400
		Covariance	58,350	-,538
		N	135	65
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,088	1
		Sig. (2-tailed)	,485	
		Sum of Squares and Cross-products	-34,400	88,400
		Covariance	-,538	1,381
		N	65	65

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

Anexo III  
Mulheres ao 1º casamento: 1950-1959

**Descriptive Statistics**

Tipologia de Família		Mean	Std. Deviation	N
1	Idade ao Casamento	23,71	5,993	337
	Total de Filhos	2,15	1,420	226
2	Idade ao Casamento	26,83	7,788	159
	Total de Filhos	1,82	1,196	79
3	Idade ao Casamento	23,18	5,207	163
	Total de Filhos	1,81	1,083	97
4	Idade ao Casamento	27,33	8,270	143
	Total de Filhos	2,26	1,581	80

Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

### Correlations

Tipologia de Família			Idade ao Casamento	Total de Filhos
1	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,068
		Sig. (2-tailed)		,309
		Sum of Squares and Cross-products	12067,501	-91,354
		Covariance	35,915	-,406
		N	337	226
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,068	1
		Sig. (2-tailed)	,309	
		Sum of Squares and Cross-products	-91,354	453,580
		Covariance	-,406	2,016
		N	226	226
2	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,229*
		Sig. (2-tailed)		,043
		Sum of Squares and Cross-products	9582,415	-87,924
		Covariance	60,648	-1,127
		N	159	79
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,229*	1
		Sig. (2-tailed)	,043	
		Sum of Squares and Cross-products	-87,924	111,519
		Covariance	-1,127	1,430
		N	79	79
3	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,112
		Sig. (2-tailed)		,276
		Sum of Squares and Cross-products	4391,840	-49,629
		Covariance	27,110	-,517
		N	163	97
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,112	1
		Sig. (2-tailed)	,276	
		Sum of Squares and Cross-products	-49,629	112,660
		Covariance	-,517	1,174
		N	97	97
4	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,034
		Sig. (2-tailed)		,762
		Sum of Squares and Cross-products	9711,552	-19,800
		Covariance	68,391	-,251
		N	143	80
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,034	1
		Sig. (2-tailed)	,762	
		Sum of Squares and Cross-products	-19,800	197,488
		Covariance	-,251	2,500
		N	80	80

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Anexo III  
Mulheres ao 1º casamento: 1960-1969

**Descriptive Statistics**

Tipologia de Família		Mean	Std. Deviation	N
1	Idade ao Casamento	22,66	5,476	293
	Total de Filhos	1,95	1,236	193
2	Idade ao Casamento	26,65	7,813	167
	Total de Filhos	1,64	,826	81
3	Idade ao Casamento	24,10	7,361	117
	Total de Filhos	1,76	,824	62
4	Idade ao Casamento	26,48	7,466	143
	Total de Filhos	1,81	,993	83

Fonte: Registos Paroquiais do Bonfim

### Correlations

Tipologia de Família			Idade ao Casamento	Total de Filhos
1	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,082
		Sig. (2-tailed)		,257
		Sum of Squares and Cross-products	8757,549	-94,995
		Covariance	29,992	-,495
		N	293	193
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,082	1
		Sig. (2-tailed)	,257	
		Sum of Squares and Cross-products	-94,995	293,482
		Covariance	-,495	1,529
		N	193	193
2	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,210
		Sig. (2-tailed)		,060
		Sum of Squares and Cross-products	10134,156	-58,963
		Covariance	61,049	-,737
		N	167	81
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,210	1
		Sig. (2-tailed)	,060	
		Sum of Squares and Cross-products	-58,963	54,617
		Covariance	-,737	,683
		N	81	81
3	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,313*
		Sig. (2-tailed)		,013
		Sum of Squares and Cross-products	6284,769	-77,145
		Covariance	54,179	-1,265
		N	117	62
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,313*	1
		Sig. (2-tailed)	,013	
		Sum of Squares and Cross-products	-77,145	41,371
		Covariance	-1,265	,678
		N	62	62
4	Idade ao Casamento	Pearson Correlation	1	-,127
		Sig. (2-tailed)		,253
		Sum of Squares and Cross-products	7915,706	-53,277
		Covariance	55,744	-,650
		N	143	83
	Total de Filhos	Pearson Correlation	-,127	1
		Sig. (2-tailed)	,253	
		Sum of Squares and Cross-products	-53,277	80,916
		Covariance	-,650	,987
		N	83	83

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).